Publicidade

JUSTIÇA

A luta da mãe de Miguel por justiça

Após a morte do filho de cinco anos em edifício do Recife, a ex-empregada doméstica Mirtes Renata de Souza tornou-se ativista na luta contra o racismo no Brasil. "Não quero que o caso do meu filho caia no esquecimento".

Mirtes na entrevista à DW: "Não tenho raiva, eu sinto indignação, revolta"

No segundo dia de cada mês, ela acende uma vela. Mirtes Renata Santana de Souza, 34 anos, chora a perda do filho único, Miguel. Em 2 de junho de 2020, o menino, então com cinco anos, morreu ao cair do nono andar de um prédio residencial no Recife.

Naquele dia, Mirtes, que trabalhava como doméstica, tinha trazido o filho para o trabalho porque a creche estava fechada devido à pandemia de coronavírus. Para sair com o cachorro dos patrões, ela deixou o menino com a patroa.

Mas esta não cuidou da criança e não foi atrás quando o menino deixou o apartamento e entrou no elevador à procurada mãe. No nono andar, o garoto caiu de uma janela, a uma altura de mais de 20 metros. A morte do menino abalou o Brasil e fez da ex-empregada doméstica Mirtes Renata Santana de Souza o rosto da versão brasileira do movimento Black Lives Matter.

Usamos "cookies" (pequenos arquivos que identificam o seu aparelho) para melhorar a nossa oferta. Mais informações na nossa política de privacidade.

Mais informações Ok

DIARIO de PERNAMBUCO

"Pedi para tirar a minha vida e dar a ele', diz mãe de Miguel

Sari Côrte-Real pode ser presa, diz advogado penal

Morte de Miguel repercute entre parlamentares

Mãe de criança que caiu do nono andar está registrada como servidora

GAJOP diz que não foi acidente e acompanhará respostas das instituições

Procuradoria conclui que Adélio agiu sozinho em facada

Coletivo denuncia agravamento de esgoto em Barra de Jangada

Governo deve propor prorrogação do auxílio emergencial

Governo retira R$ 83 mi do Bolsa Família e destina à comunicação

Facetas do caso abordadas no jornal "Diário de Pernambuco"

Luta contra o racismo

"Não tenho raiva, eu sinto indignação, revolta. Não quero que o caso do meu filho caia no esquecimento. Só eu sei o quanto estou sofrendo sem ele, o período de final do ano sem meu filho foi muito difícil, muito cruel", disse Mirtes à DW. Em 25 de fevereiro, ela deixou passar seu aniversário em branco, pois não viu motivo para comemorar.

Mirtes luta agora contra a discriminação às empregadas domésticas, forçadas a continuar trabalhando durante a pandemia, apesar da proibição. Ela luta pelos direitos das crianças, independentemente de sua origem social. E ela está lutando em tribunal por uma revisão legal da trágica morte de Miguel.

A ex-empregada doméstica tem mais 30 mil seguidores no Instagram. Uma petição online que ela co-iniciou exigindo justiça para Miguel (#justicapormiguel) já foi assinada por quase três milhões de pessoas.

"O caso de Miguel demonstra o racismo endêmico no nosso país. Agora, Miguel é filho de todos! A petição é um instrumento de pressão política, ela não tem poder jurídico", diz Deborah Pinho, coordenadora da campanha. "Queremos usar a petição para aumentar a pressão política e organizar o apoio à Mirtes".

EL PAÍS

Brasil supera Itália em mortos pelo coronavírus e só vê pandemia iniciar estabilização em três Estados

"Enquanto as redes falavam 'blacklivesmatter', perdemos outra criança negra para o racismo"

Foto de Miguel na capa do site El País

"Abandono de incapaz resultando em morte"

Mas a Justiça brasileira anda lentamente. O julgamento na 1ª Vara de Crimes Contra a Criança e o Adolescente de Recife, iniciado pelo Ministério Público em 12 de junho de 2020, ainda não avançou além de uma primeira audiência de testemunhas em 3 de dezembro de 2020.

A ré, Sari Mariana Costa Gaspar Corte Real, ex-patroa de Mirtes, foi libertada após o pagamento da fiança. Ela é acusada de "abandono de incapaz resultando em morte", um crime punível, segundo o Código Penal, com até 12 anos de prisão.

Para o advogado de Mirtes, esta liberdade é um privilégio que destaca o tratamento desigual de brasileiros ricos e pobres. "Se todo brasileiro que não representa ameaça pública pudesse pagar fiança para responder um processo em liberdade, eu entenderia, mas não é o caso. Como a ré é uma mulher com poder econômico, teve esse pedido encaminhado e não foi presa", diz Eliel Silva.

Perito deve provar a inocência

O advogado também está incomodado com um parecer jurídico encomendado pela ré. Nele, é questionado se teria sido um crime de "abandono", porque para isso, de acordo com especialistas, a ré teria que estar ciente de todos os possíveis perigos no prédio, e não foi este o caso.

Ouça a canção sobre a tragédia, "2 de junho", de Adriana Calcanhoto, interpretada por Maria Bethânia

Mirtes não quer vingança, mas justiça. Ela está certa de que a morte do filho poderia ter sido evitada. Segundo ela, a patroa garantiu que cuidaria de Miguel. "Ela poderia ter evitado tudo isso e não evitou. Uma atitude que ela poderia ter feito era pegar a mão do meu filho e voltar pro apartamento, ou então ligar para mim. Se ela tivesse feito uma dessas coisas, nada disso teria acontecido, e meu filho ainda estaria aqui comigo."

Mirtes luta contra as lágrimas. A vida como ativista ainda não lhe é familiar. "Os direitos das mulheres e o racismo são questões novas para mim, eu realmente não lidei com elas antes", diz ela.

Agora ela trabalha para a organização não governamental Curumim em Recife, que faz campanhas pelos direitos da mulher e combate o racismo. Ela também está estudando Direito e tomou como missão evitar vítimas de injustiças.

Usamos "cookies" (pequenos arquivos que identificam o seu aparelho) para melhorar a nossa oferta. Mais informações na nossa política de privacidade.

Mais informações Ok

O RACISMO E OS FILMES HOLLYWOODIANOS

Melhor filme de 2019

A história contada pelo diretor Peter Farrelly é baseada em fatos reais. Viggo Mortensen (esq.) faz o papel de um chofer de um pianista negro que viaja pelos estados do sul dos EUA, orientando-se pelo "Green Book: o

LEIA MAIS

"Quartinho de empregada é a senzala moderna"
Filha de empregada, a cineasta Karoline Maia lançará em 2021 "Aqui não entra luz". Filme aborda as marcas da escravidão e do racismo estrutural no trabalho das domésticas. "A abolição não foi concluída", diz.

"Empresas têm que reconhecer e combater o racismo"
Para advogado de SP especializado em relações de trabalho e desigualdades, casos como do Carrefour em Porto Alegre provam que iniciativa privada deve discutir preconceito racial abertamente e fazer mudanças estruturais.

Como mulheres brasileiras se desdobram na pandemia
Ainda mais sobrecarregadas por afazeres domésticos e cuidados com os filhos do que antes da crise, mulheres de diferentes classes sociais buscam meios de garantir sustento e manter produtividade no trabalho.

"O que é importado não é o racismo, mas discursos de racistas"
Para Silvio Almeida, autoridades brasileiras "tropicalizam" ideias propagadas por racistas no exterior. Negacionismo em relação à violência cotidiana contra negros contribui para manutenção do racismo no Brasil, diz.

Homem negro é espancado e morto em supermercado Carrefour de Porto Alegre
Seguranças do supermercado – dois homens brancos – espancaram cliente, que teria discutido com uma caixa. Carrefour chama ato de criminoso e anuncia fim do contrato com empresa de segurança.

Como iniciativas buscam dar visibilidade a cientistas negros
Associações e projeto que faz ponte com jornalistas procuram ajudar a divulgar trabalho feito por pesquisadores negros e negras no Brasil – historicamente invisibilizados pelo racismo estrutural.

Data 08.03.2021

Autoria Astrid Prange

Usamos "cookies" (pequenos arquivos que identificam o seu aparelho) para melhorar a nossa oferta. Mais informações na nossa política de privacidade.

Mais informações Ok

Imprimir Imprimir a página

Link permanente https://p.dw.com/p/3qM4X

Usamos "cookies" (pequenos arquivos que identificam o seu aparelho) para melhorar a nossa oferta. Mais informações na nossa política de privacidade.

Mais informações **Ok**